

Aquele mantra indígena foi me envolvendo

Eu tive que parar de remar, fui obrigado a fazê-lo para não atrapalhar a música, não maculá-la. Os índios, que pareciam eles mesmos arrebatados pelo que produziam, nem notaram quando recolhi meu remo, continuaram tocando seus instrumentos. Fechei, então, meus olhos e pus-me apenas a ouvir. Aquele mantra indígena foi me envolvendo, como que uma onda, uma nuvem, um tecido fino ou um tapete mágico que me tomasse e começasse

a me enlevar,

a me elevar...

a me levar.

Cada nota daquela melodia era um fio do tecido do tapete em que eu já voava. Ou um fio, uma nota da canção que o vento acabara de aprender e que saía agora a assobiar pelo mundo. E com ele eu era alçado acima, muito acima da altura imensa daquelas árvores, ia até onde viajavam as notas daquela melodia... e o vento ia sempre mais longe, ia sempre mais alto, alcançando espaços que só ele mesmo conhecia e percorria. Ele *era* agora aquela música e a levava e a soprava pelos quatro cantos da floresta, por todos os quadrantes do céu, pelas nuvens que assumiam a forma daquela melodia, pelo rio, pelas águas que dançavam ao seu ritmo, pelos peixes e pelas árvores que bailavam à sua passagem. A música dos MõnJOROKO envolvia tudo em seu encanto, beleza e vibração, fazendo de tudo um único e mesmo espetáculo, um único e mesmo fenômeno.

A música era o ponto a fechar o círculo e a abrir a espiral da vida, a parte a fazer com que deixassem de existir as partes e se revelasse o *todo*... Ou com que *eu* deixasse de ver as coisas como partidas e começasse a ver em tudo a unidade. Meus olhos sobre o mundo deixavam de *vê-lo* como partes para *vê-lo* como um todo. Não, era mais do que isso: não era que *o* visse, eu não estava de *fora*, a *vê-lo*. Eu também deixava de *ser* parte para *ser* o *todo*, eu passava a pertencer a ele, a *ser* ele, não mais separado, não mais um recorte, porém integrado nele. Não havia fronteiras entre mim *e* ele, não havia separação, eu estava *nele*, eu *era* ele, eu *pertencia* a ele.

E já não havia mais o canto dos pássaros, o som do encontro da canoa com o rio, a música do ritmo do remar, e sim um inteiro e único “aum”¹. Um “ôm”², uma mesma e diversa nota cantada por todos esses sons em perfeita harmonia e comunhão.

O encantamento do momento, do lugar e a música dos índios foram a porta para essa viagem à louca lucidez da diluição do meu centro e de mim mesmo num *ser e existir* em que não havia o *eu* e o *outro*. Havia apenas um *todo* em movimento, um movimento eterno, sem princípio e sem fim, que não começou e nunca vai cessar.

¹ AUM ou ÔM: O trigramma hindu, o mais sagrado dos mantras orientais ou o som do universo, o som da vida.

² Idem

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*

Autor: Walter Andrade Parreira

(Cap.11 – ‘A magia do remar e o rio que deságua no céu’ – pág.182/183)